
AÇÃO EXTENSIONISTA E PRÁTICA DIALÓGICA NA VALORIZAÇÃO DA CIDADE COMO PROBLEMA PÚBLICO. REFLEXÕES A PARTIR DO PROJETO ÁGORA: CIDADE E POLÍTICA EM JUIZ DE FORA - MG

EXTENSIONIST ACTION AND DIALOGIC PRACTICE IN THE VALORIZATION OF THE CITY AS A PUBLIC PROBLEM. REFLECTIONS FROM THE AGORA PROJECT: CITY AND POLITICS IN JUIZ DE FORA - MG

Submissão:
21/01/2025

Aceite:
04/08/2025

Clarice Cassab¹  <https://orcid.org/0000-0002-4974-6802>
Wagner Barbosa Batella²  <https://orcid.org/0000-0002-3632-9639>

Resumo

Neste trabalho, por meio do relato de uma ação extensionista intitulada “Ágora: cidade e política em Juiz de Fora”, problematiza-se o papel da cidade como a arena do debate político, do exercício da Democracia e como lócus do encontro. A partir da compreensão acerca da extensão enquanto uma prática formativa e educativa, discute-se a cidade como o local de realização da política. O projeto em questão foi desenvolvido a partir de uma metodologia que valorizou as “conversas de rua” que ocorreram em diferentes locais da cidade de Juiz de Fora - MG. Após os relatos dos encontros, conclui-se com os principais desafios enfrentados e os desdobramentos do projeto nas práticas dos docentes e dos discentes.

Palavras-chave: Extensão universitária; Ágora; Cidade; Política.

¹ Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF clarice.cassab@ufjf.br

² Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF wagner.batella@ufjf.br

Abstract

In this paper, through the report of an extension initiative called “Agora: city and politics in Juiz de Fora”, we problematize the role of the city as the arena for political debate, the exercise of democracy and the *locus* of encounters. Based on an understanding of extension as a formative and educational practice, the city is discussed as the place where politics occurs. The project in question was developed using a methodology that valued the “street conversations” that took place in different locations in the city of Juiz de Fora - MG. After reporting on the meetings, we conclude with the main challenges faced and the project’s impact on the practices of teachers and students.

Keywords: University extension; Agora, City; Politics.

Introdução

O projeto *Ágora: cidade e política em Juiz de Fora*¹ nasceu de uma provocação durante atividade de campo. Enquanto os professores realizavam suas explicações, transeuntes se aproximavam, interessados e curiosos no que estava ocorrendo. Naquele círculo que se formou em meio à principal praça da cidade, um sujeito que escutava as falas dos professores questionou se poderia fazer uma pergunta. Impelidos por esta experiência, nasce a ideia de se propor um projeto de extensão que pudesse, em alguma medida, resgatar o espírito da Ágora: espaço público, lugar de encontros e debates e, portanto, da própria política.

Sendo este o seu espírito, o projeto sustenta-se numa concepção de extensão em que as práticas e conhecimentos produzidos na universidade só ganham sentido quando em diálogo com a sociedade. Neste aspecto, a sociedade não é objeto, mas sujeito da ação extensionista. Essa relação dialógica entre sujeitos é, para Freire (1988), dimensão obrigatória do conhecimento. Para o autor, o processo de produção do conhecimento como ato comunicativo somente se realiza em sua relação dialógica, uma vez que o pensamento jamais se dá isolado. Isso porque “o ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos que se dá através de signos linguísticos” (Freire, 1988, p. 64).

Sob este prisma, a extensão reúne dialogicamente sujeitos que, mediados por um objeto, interagem no processo de produção do conhecimento sobre o real. Assim, a extensão, como prática dialógica, ganha a dimensão de *práxis* humana, sendo parte constitutiva da tríade dialética com o ensino e a pesquisa.

¹ O Ágora é uma iniciativa do Núcleo de Pesquisa Geografia Espaço e Ação – NuGea e do Grupo Temáticas Especiais Racionadas ao Relevo e à Água – TERRA, do Departamento de Geociências da UFJF. Os autores agradecem o da Pró-Reitoria de Extensão através de bolsa para graduandos e o financiamento da FAPEMIG ao projeto “Regiões da mineração em Minas Gerais: urbanização, cidades e dinâmicas territoriais”, processo CSA APQ02022/18.

Segundo Kosik (1976, p. 202), é na *práxis* que homens e mulheres se revelam como seres “ontocriativos”, criadores da realidade humana-social e, deste modo, capazes não apenas de compreendê-la, como também de transformá-la. Por esta razão, para o autor, a *práxis* é a própria “determinação da existência humana como elaboração da realidade” sendo “na obra e na criação humana – como em um processo ontocriativo – (...) que se manifesta a realidade e, de certo modo, se realiza o acesso à realidade” (Kosik, 1976, p. 202).

Como ação criadora e reveladora do conhecimento do mundo, a *práxis* é também *locus* do desenvolvimento da criatividade, da capacidade inventiva acionada cotidianamente pelos sujeitos que coexistem no espaço banal. É espaço de todos os sujeitos que obriga a coexistência, o diálogo e a negociação, assim como dimensão constitutiva das relações entre sujeitos e destes com o mundo. Para Freire (1988, p. 80), é “na *práxis* dos homens uns com os outros, no mundo e com o mundo que a criatividade se desenvolve”. Uma *práxis* na qual “a prática, implicando na teoria, da qual não se separa, implica também numa postura de quem busca o saber, e não de quem passivamente o recebe” (Freire, 1988, p. 80).

Paulo Freire, portanto, comprehende a *práxis* na indissociabilidade entre ação e reflexão, em que os sujeitos envolvidos no processo educativo se tornam agentes ativos na transformação da realidade. Dessa forma, a *práxis* vai além da mera prática, englobando a consciência crítica e a reflexão sobre o contexto histórico e social. É neste sentido que ela orienta a extensão como prática acadêmica que busca estabelecer uma relação de reciprocidade entre a universidade e a sociedade, por meio do diálogo e da participação ativa dos envolvidos.

Sob esse prisma, concebeu-se o Ágora como projeto de extensão capaz de desenvolver, por meio do que chamamos de “conversas de rua”, um espaço de construção de uma relação dialógica entre universidade e os habitantes da cidade que, em seus cotidianos, enfrentam um conjunto de questões que tenciona o habitar e, deste modo, a própria cidade como espaço de encontro e das diferenças.

É na afirmação da cidade como lugar de coexistências e pluralidades e espaço da política que o projeto “Ágora: cidade e política em Juiz de Fora” foi concebido. Ele nasce da compreensão de que a cidade é capaz de produzir relações, de obrigar à negociação e de acolher o conflito. Entendemos a cidade como condição para a existência efetiva da política, pois as relações sociais que a produzem são capazes de politizar e publicizar toda a forma de convívio.

Submetido ao edital de extensão da Universidade Federal de Juiz de Fora em 2019, o Ágora contou com duas edições, nas quais foram realizadas conversas de rua em diferentes bairros e locais da cidade de Juiz de Fora – MG. Nelas, procuramos tratar, em cada coletivo e bairro, temas que atravessavam os cotidianos daqueles que habitam a cidade.

Neste texto, construiremos um relato de experiência capaz de apresentar os principais fundamentos teóricos e a metodologia adotada em cada “conversa de rua”. A intenção não se limita a apresentar o projeto, mas sobretudo a instigar a realização de propostas similares em outros espaços, tendo a extensão como diretriz formativa na relação universidade-sociedade.

Este relato de experiência foi construído a partir de uma metodologia que articulou a sistematização das atividades do projeto Ágora com a reflexão crítica sobre seus fundamentos, práticas e resultados. A escolha das temáticas considerou as áreas de atuação dos membros da equipe, assim como as demandas observadas na cidade, visando ações e debates mais densos. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, baseada na leitura e análise das conversas de rua, das discussões realizadas pela equipe após a realização de cada uma delas e na revisão bibliográfica de autores que fundamentam a extensão universitária dialógica e a cidade como espaço político.

O critério de análise pautou-se na perspectiva freiriana de ação-reflexão-ação, buscando identificar não apenas os avanços, mas também as contradições e desafios do projeto. Cada conversa de rua foi apreendida a partir de três eixos: (1) a efetividade das metodologias dialógicas (como cartografias sociais, dinâmicas de grupo e mapeamentos participativos); (2) o grau de participação e engajamento dos sujeitos envolvidos; e (3) seus impactos. Essa análise permitiu problematizar as lacunas entre teoria e prática, bem como destacar aprendizados que podem orientar futuras iniciativas.

Na primeira parte do texto, sublinharemos os dois fundamentos que sustentam o trabalho: a extensão como prática formativa e educativa e a cidade como espaço público e, portanto, lugar da política. Segue-se a apresentação e caracterização do projeto através da construção das “conversas de rua”, suas metodologias e espacialização na cidade. Encerramos com uma reflexão sobre os principais desafios encontrados e caminhos possíveis para seus enfrentamentos.

Extensão como práxis formativa e reveladora da cidade como espaço da política

Dois fundamentos orientam o projeto *Ágora: cidade e política em Juiz de Fora*. O primeiro deles é a própria concepção de extensão. Nele, a extensão universitária é concebida como uma *práxis* educativa e formativa que promove o diálogo entre a Universidade e a comunidade externa, incentivando a reflexão crítica, a ação transformadora e a produção de conhecimentos através de troca de saberes.

Nesse sentido, pode-se afirmar que, em certa medida, o projeto se aproxima da concepção teórica e metodológica da Extensão Popular, a partir do esforço em afirmar a centralidade dos saberes populares como parte constitutiva do processo de produção do conhecimento. Como propõe Falcão (2018), a extensão, quando vivida em sua vertente popular, implica em

uma Extensão Universitária que não é qualquer trabalho fora da Academia ou mero serviço assistencialista à população carente. Seu propósito é maior: fundir o que se aprende e se produz na Universidade e aplicar para o desenvolvimento de uma comunidade, de modo respeitoso e valorativo dos saberes, das histórias, das lutas e dos interesses das classes populares (Falcão, 2018, p. 157).

A partir dessa perspectiva, ao se basear na escuta ativa, na comunicação horizontal e na ação partilhada, o projeto Ágora se alinha a esse horizonte epistemológico, buscando uma atuação que aproxima universidade e território como sujeitos coautores de um saber situado, crítico e transformador. Por essa razão, a experiência vivida no projeto dialoga com a concepção de extensão popular que, nas palavras de Cruz et al. (2021, p. 74), “se relaciona com a população, apresentando outros caminhos para a universidade na intencionalidade de contribuir para a reinvenção da sociedade; uma Extensão que se firma no compromisso com os sujeitos em consonância com a realidade, na qual eles se encontram”.

Também de acordo com Melo (2014), a extensão popular envolve uma metodologia de trabalho social que possibilita uma compreensão ampliada das contradições do modo de produção dominante, mesmo quando os trabalhadores possuem baixa escolaridade e pouca qualificação, condições que favorecem a exclusão, especialmente nesses setores sociais. Ao atuar diretamente nos territórios dos sujeitos e refletir sobre suas condições de vida e existência na cidade, o Ágora fortalece a dimensão popular da extensão universitária, funcionando como um espaço de trocas simbólicas e afetivas que reconhecem a cidade não apenas como cenário, mas como protagonista no debate político e na forma-

ção cidadã. Essa abordagem reforça a ideia de que é preciso superar a lógica da intervenção técnica e reafirmar o compromisso ético-político com a transformação social, o que exige reformular conceitos e práticas.

Nesse marco, o Ágora se constitui como espaço onde o ensino, a pesquisa e a extensão se articulam com base em um trabalho social útil, cuja “dimensão de exterioridade, abrangendo ações educativas em movimentos sociais e outros instrumentos organizativos da sociedade civil” (Melo, 2014, p. 48). Orientado pela *práxis* freiriana de ação-reflexão-ação, o projeto reforça o compromisso da universidade pública com a justiça social e a democracia. Em continuidade a esse processo formativo, embasado na *práxis* freiriana, a extensão centra-se na participação ativa dos estudantes, no reconhecimento dos saberes populares e na construção coletiva do conhecimento, articulando ensino e pesquisa. Exige, portanto, a saída para além dos portões da universidade, estimulando a construção de um processo formativo capaz de colocar o educando em contato direto com a realidade vivida e experimentada por diferentes sujeitos e em distintos contextos sociais.

Dessa maneira, torna-se evidente que o projeto se alinha à Política Nacional de Extensão, que concebe a extensão como “via de mão-dupla”

com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da *práxis* de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (Forproex, 1987, p.11).

Nesta perspectiva, a prática extensionista constitui-se como um espaço formativo do discente, articulando-se ao ensino e à pesquisa. Martins (2012, p. 5) assim sintetiza essa relação:

Esta organicidade pressupõe a formação superior como síntese de três grandes processos, quais sejam: processos de transmissão e apropriação do saber historicamente sistematizado, a pressupor o ensino; processos de construção do saber, a pressupor a pesquisa e os processos de objetivação ou materialização desses conhecimentos, a pressupor a intervenção sobre a realidade e que, por sua vez, retornam numa dinâmica de retro-alimentação do ensino e da pesquisa.

Implica, portanto, compreender a extensão também como campo teórico-empírico capaz de acionar conteúdos, conceitos e métodos aprendidos ao longo do ensino, bem como fomentar a formação do pesquisador através das questões abordadas na atividade extensionista. Sendo assim, ela deve necessariamente contribuir para a formação do profissional cuja prática esteja fortemente ligada às questões e às necessidades sociais.

Elaborado, portanto, de forma a potencializar a *práxis*, o projeto reuniu as dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão na construção de um conhecimento que, em concordância com Freire (1996), pudesse ser coletivo, englobando pesquisa, criticidade, ética, reflexão crítica sobre a prática, curiosidade, respeito à autonomia aos saberes, comprometimento, disposição para a transformação, liberdade e diálogo, além de também ser importante mecanismo de democratização dos conhecimentos e saberes produzidos na Universidade.

O Ágora também objetivou fomentar a troca de saberes, matéria-prima na construção de um conhecimento mais dialógico entre a Universidade e a população moradora da cidade de Juiz de Fora. É assim que atividades extensionistas como o Ágora também proporcionam oportunidades para que a ciência possa adquirir afirmação social, na medida em que os sujeitos são sensibilizados sobre o seu papel e importância para o entendimento da realidade. Para tanto, é importante que a Universidade coloque para si o desafio de democratizar o conhecimento produzido e direcioná-lo no sentido de fortalecer a sociedade. Por essa razão, o objetivo geral da ação foi transformar as ruas, praças e outros lugares da cidade em espaços de discussão e reflexão, proporcionando um espaço público de debate de questões referentes à produção social e desigual da cidade e como tais desigualdades afetam a vida e o cotidiano de seus moradores.

A realização das “conversas de rua” pela cidade proporcionava momentos de diálogos que aglutinavam moradores da cidade em torno de temas e questões que refletiam a cotidianidade e as experiências do habitar a cidade. Entendemos que o habitar pressupõe relações socioespaciais que são estabelecidas com o espaço a partir da sua morada e que desempenham papel crucial sobre a vida cotidiana, o espaço urbano e os usos da cidade. O habitar é, portanto, uma prática social complexa que envolve aspectos materiais, simbólicos e culturais e a compreensão dos mecanismos de desigualdade que restringem os usos e apropriação da cidade como espaço público e que promovem um “encolhimento” da dimensão política da cidade ao inibir o encontro, a coexistência e as diferenças.

Este é o segundo fundamento que organizava nosso projeto: a afirmação política da cidade. Ou seja, o entendimento de que a cidade se constitui como espaço público por excelência. Local das práticas cotidianas, na cidade os sujeitos se confrontam com o mundo. No habitar, no circular, no consumir, no lazer ou no trabalho, os habitantes da cidade são colocados diante da necessidade de enfrentarem e refletirem sobre o desafio de se viver na cidade, logo, na coletividade.

Contudo, produzidas sob a égide da lógica capitalista, nossas cidades sempre foram, sobretudo, o espaço da realização do consumo, da troca e da circulação. Etapas constitutivas do processo de produção e reprodução social proporcionam usos da cidade fortemente marcados pelo isolamento e o individualismo. Isso resulta, por exemplo, na circulação cotidiana de pessoas que transitam pelas ruas sem notarem na paisagem as marcas das desigualdades e contradições socioespaciais, expressas nos objetos materiais e nos códigos e signos que constituem a cidade.

Os processos que conformam nossas cidades e as formas como elas se organizam produzem espaços marcados por desigualdades, que atravessam a vida de seus habitantes e dificultam a convivência, a coexistência, as diferenças e o diálogo, elementos essenciais à política. Trata-se de uma crise da urbanidade, como discutido por Netto (2012). Se a cidade é o contexto socioespacial da concentração de pessoas, serviços e atividades, sua premissa envolve a reunião, o encontro e não a dispersão, a individualização. O autor destaca que a urbanidade deriva das relações sociais e espaciais, representa a essência da cidade no papel de mediar as interações e configura-se como condição para a vida coletiva e fiadora do exercício das alteridades.

A diversidade de experiências vividas nas cidades hodiernas não pode ser validada como formas de convívio. Netto (2012), mais uma vez, chama atenção para as sociabilidades hostis, violentas ou repressivas. Nessa perspectiva, tem-se uma contradição, isto é, a possibilidade de um convívio desatrelado da urbanidade, ou seja, de uma experiência de se viver em coletividade.

Para Kuster e Pechman (2014), essa violência é inversamente proporcional à urbanidade, pois “quanto menos convivialidade, tanto menos urbanidade. Tanto menos urbanidade, quanto mais vio-

lência” (p. 19). A cidade seria, dessa maneira, o lócus da resistência à hostilidade resultante das relações conflituosas, da capacidade de acolher os conflitos e representaria a essência da esfera pública. Na cidade, toda forma de convívio é política, enquanto a intolerância seria o seu oposto. A crise da urbanidade descrita anteriormente resulta em cidades despolitzadas, onde há ausência de negociações no consenso imposto e na anulação das diferenças.

A despeito disso, a cidade também é espaço das práticas cotidianas dos sujeitos quem no seu caminhar se defrontam com o outro, o diferente e o desconhecido, abrindo, deste modo, as possibilidades de novos diálogos e experiências.

Para Gomes e Ribeiro (2018), quando se pensa na ativação política dos espaços públicos, geralmente são mencionadas as grandes mobilizações promovidas por grupos sociais organizados e coletivos. Raramente é atribuída relevância à ocupação cotidiana e ordinária da cidade realizada por aqueles que a habitam. Contudo, ocupar politicamente a cidade ocorre tanto pela reivindicação organizada, quanto na simples permanência e uso de um território. Neste sentido, os autores procuram mostrar o quanto o “uso ordinário dos espaços públicos” pode possuir um expressivo significado político, pois se abre para o estar com outros, com diferentes, um ensejo ao conflito e à necessidade da negociação. Dirão os autores:

Todos os dias, os espaços públicos abrigam ações que poderiam ser vistas como verdadeiras manifestações políticas: formas de apresentação, comportamentos, atitudes que tem potencial reivindicativo, transgressor e de questionamento de valores e de regras. Ao se manifestar produzem formas de adesão e de conflito, ou seja, um diálogo a respeito da possibilidade de se incorporar ou não essas ações. Em outros termos, um diálogo político (Gomes e Ribeiro, 2018, p.11).

É no lugar de retomada da cidade como espaço de copresença, do estar com o outro diferente, da possibilidade da política como exercício de convivência, coexistência e futuro que pretendemos discutir esta ação extensionista. Para isso, desenvolveu-se uma metodologia baseada no que chamamos de “conversas de rua”, cujo objetivo era provocar os indivíduos passantes, habitantes da cidade, convidando-os a ocuparem, através de um lugar de debate e reflexão, a cidade.

Conversas de rua: tentativa de construção de metodologias criativas e dialógicas

A abordagem dialógica pautou a construção das metodologias desenvolvidas no Ágora. Não se tratava de levar o conhecimento produzido na Universidade até a sociedade, mas de construir uma relação pautada no reconhecimento do outro como sujeito produtor de conhecimento, imerso em uma realidade cotidiana que lhe proporciona um cabedal de saberes e práticas. Neste aspecto, a diretriz dialógica orienta a ação de extensão a partir da construção de “relações entre Universidade e setores sociais marcadas pelo diálogo e troca de saberes, superando-se, assim, o discurso da hegemonia acadêmica e substituindo-o pela ideia de aliança com movimentos, setores e organizações sociais” (Forproex, 2012, p. 30).

Alcançar esse objetivo pressupôs a criação e adoção de metodologias que fossem criativas e dialógicas, capazes de estimular a participação, a troca de conhecimentos e que pudesse dar centralidade à contribuição de “atores não universitários” na produção e difusão de conhecimento (Forproex, 2012, p. 32).

Foi sob essa orientação que desenvolvemos as “conversas de rua” como momentos em que esse

diálogo acontecia. Cada conversa se configurava como encontros em praças, escolas, ruas ou outros espaços, sendo tratados temas que tinham proximidade com o cotidiano dos moradores. A construção da abordagem variava conforme a realidade dos sujeitos envolvidos na ação extensionista, mas era sempre pautada pela prática dialógica. De caráter dinâmico, as conversas se deram por meio de metodologias diversas e interativas que pudessem não apenas permitir a troca dos saberes, como também mobilizar os interesses dos participantes e, em algumas situações, dos transeuntes. As conversas ocorreram em lugares distintos da cidade. Algumas vezes em praças e ruas, outras em escolas ou equipamentos sociais, mas todas abertas para que qualquer pessoa interessada pudesse participar.

A metodologia dialógica pressupõe a adoção de um conjunto de abordagens e técnicas que busca promover a participação ativa dos grupos envolvidos de forma a fomentar a reflexão sobre questões que os afetam diretamente em seus cotidianos. Para seu desenvolvimento é fundamental o reconhecimento de que os grupos envolvidos possuem experiências produtoras de conhecimentos e práticas relevantes para o entendimento das questões que foram trabalhadas em cada conversa de rua. Tais conhecimentos e práticas são fundamentais para o desenvolvimento de um entendimento das situações vividas.

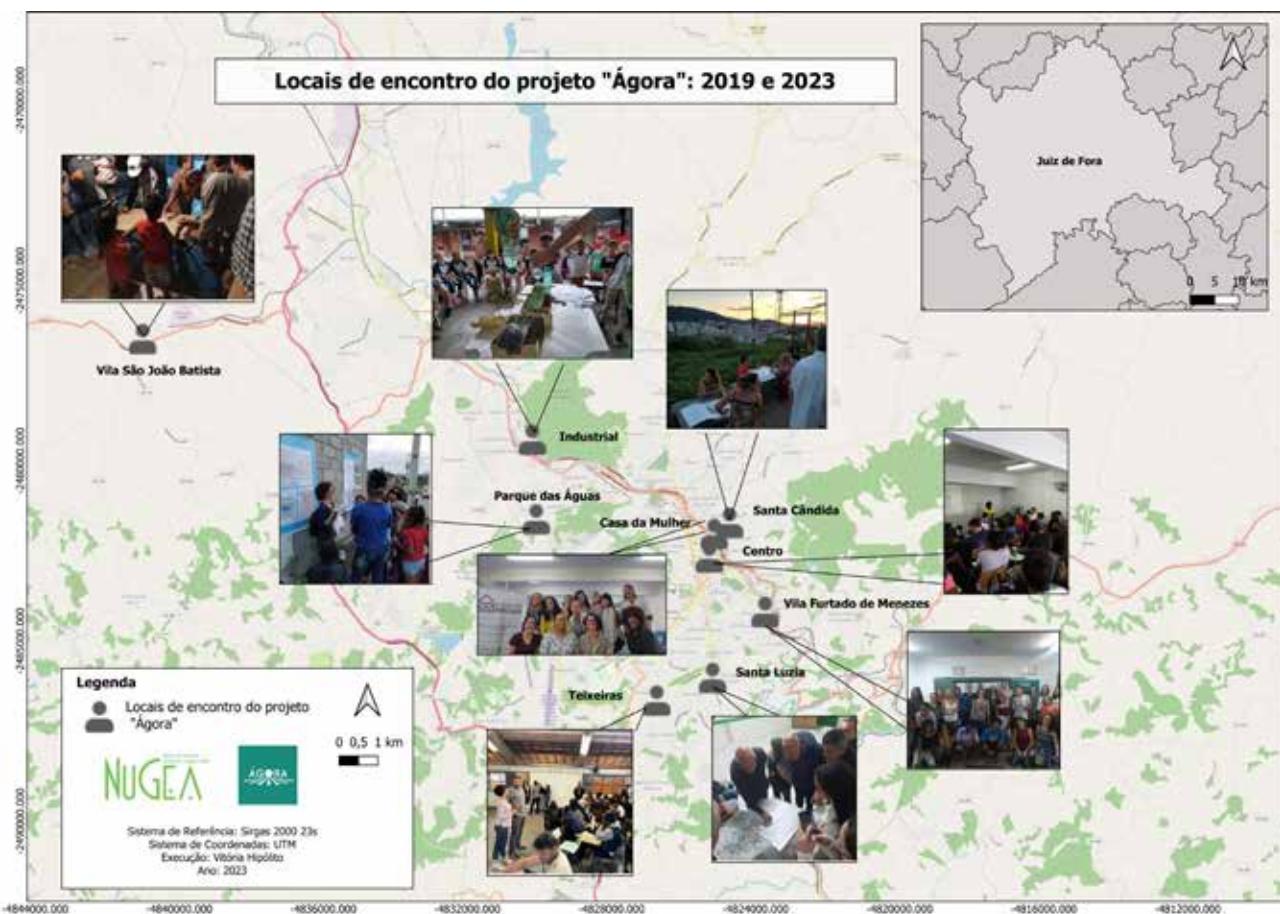
Sendo assim, ao partir dos conhecimentos prévios dos participantes e estabelecendo conexões entre suas vivências e os conteúdos abordados, as metodologias dialógicas tornam o processo de aprendizagem mais relevante e aplicável à realidade. Isso aumenta a motivação e o engajamento, favorecendo a construção do conhecimento (Guimarães, 2017).

Esse diálogo, contudo, somente é possível a partir da horizontalidade das relações entre os sujeitos envolvidos. Ou seja, não nos posicionamos como detentores de saberes ou verdades a serem levadas para aqueles que vivem em seus corpos as desigualdades expressas na cidade. Ao contrário, as conversas de rua eram espaços horizontalizados de construção de conhecimento, muitas vezes inclusive tensionados pela desconfiança em relação à Universidade.

Fundamentada no diálogo e na horizontalidade das relações, a abordagem dialógica se destacou como uma metodologia promissora no trabalho de extensão, pois possibilitou maior participação dos indivíduos envolvidos, fomentando a construção coletiva do conhecimento em torno dos desafios enfrentados por eles.

Em suas duas edições, em 2019 e 2023, realizamos 9 conversas de ruas em diferentes pontos da cidade (figura 1)

Mapa 1 – Localização das conversas de rua do projeto Ágora: *cidade e política em Juiz de Fora* (2019 e 2023)



Fonte: NuGea, 2023

O mapa representa a localização das ações do projeto na cidade de Juiz de Fora, cobrindo, mesmo que pontualmente, uma expressiva gama de seu território. Além do Centro, bairros periféricos de Juiz de Fora foram palcos dos encontros do Ágora. A escolha dos bairros onde ocorreram as conversas de rua se deu através de demandas apresentadas por atores locais à equipe do projeto ou pela identificação de temas relevantes que afetavam diretamente a vida dos moradores. O quadro 1 apresenta, por ordem cronológica, cada conversa de rua e sua localização.

Quadro 1: relação das Conversas de Rua e suas respectivas localizações

Conversa de Rua	Localização
Mineração e Sociedade	Vila São João Batista
A cidade é de quem?	Santa Cândida
Viver no Parque das Águas: da rua à cidade	Parque das Águas
Como são as representações do bairro na mídia?	Furtado de Menezes
Democratização do ensino superior pela Política de Cotas	Centro
Inundações e a cidade	Bairro Industrial
Semelhanças, diferenças e desigualdades: conversando sobre racismo	Teixeiras
Inundação	Santa Luzia
Gênero e espaço público	Vitorino Braga

A primeira conversa, na Zona Norte de Juiz de Fora – MG, em loteamento irregular localizado próximo a uma barragem de rejeitos da empresa Nexa Resources, o que preocupa essa população, girou em torno da discussão sobre os impactos da mineração e das barragens na vida dos moradores, elencando tanto os aspectos ambientais quanto sociais. O primeiro tema teve como motivação o crime socioambiental da mineradora Vale, ocorrido em Brumadinho, que gerou forte comoção nacional e particular inquietação na cidade em função da existência de duas barragens próximas. Inspirada na cartografia social, os participantes foram convidados a elaborar uma representação gráfica do bairro a partir das suas próprias percepções. A organização visual das informações representadas no mapa possibilitou a identificação e reflexão acerca das experiências coletivas da comunidade e o que significava morar perto das barragens.

Ocorrida na praça Terezinha de Jesus Oliveira, no bairro Santa Cândida, periferia de Juiz de Fora, a segunda conversa de rua teve como tema o processo desigual de produção e apropriação da cidade. Nela, os participantes foram provocados a desenharem seu bairro para posteriormente apresentarem no coletivo, destacando os elementos representados. A metodologia motivou a discussão sobre a história do bairro, sua origem, seus problemas e as transformações que aconteceram nas últimas décadas. Esse momento seguiu-se de uma segunda etapa em que, a partir de um mapa da cidade, os moradores deveriam marcar seus fluxos na cidade, indicando os lugares frequentados nas atividades cotidianas. Os recursos propostos e a presença de moradores antigos do bairro, bem como lideranças populares, provocaram o debate sobre a cidade fragmentada, a formação das periferias e suas relações com o restante da cidade. Nessa conversa, tentamos uma abordagem espontânea, ou seja, a equipe se instalou na praça e ia conversando com os transeuntes, convidando-os a participarem do projeto. Em um primeiro momento, foi difícil conseguir adesão. Com a chegada das lideranças comunitárias, houve maior participação. Depreende-se disso a dificuldade de mobilizar a população, envolvida com as rotinas diárias.

Nossa terceira conversa de rua ocorreu ao lado da escola pública situada no bairro Parque das Águas, maior condomínio do Minha Casa Minha Vida Faixa 1 em Juiz de Fora. Periferia recente da cidade, o condomínio localiza-se na Zona Norte. Nessa conversa, buscou-se produzir um conhecimento sobre como a localização interfere na forma como o sujeito que habita o bairro experimenta o habitar. Para isso, foram confeccionados banners com mapas e dados a respeito da vida no Parque das Águas. A presença da equipe com banner afixados nos muros da escola atraiu o interesse de um grupo de transeuntes, sobretudo crianças e jovens que saiam da escola. Com a ajuda de uma planta do bairro em uma folha A4, todos foram convidados a localizarem suas casas e, com uma caneta, traçarem os caminhos que mais fazem no dia a dia. Em seguida, com o auxílio de palavras motivadoras apresentadas em pedaços de papelão, os moradores falaram sobre suas impressões a respeito de morar no bairro. Derivou dessa metodologia uma reflexão a respeito de como a localização precária do bairro pode ocasionar um conjunto de dificuldades e restrições no uso da cidade. Ao final, lideranças comunitárias procuraram a equipe para conversar sobre outras parcerias, demonstrando como as atividades extensionistas podem fomentar novas ações.

A conversa seguinte foi com jovens do Furtado de Menezes, bairro periférico localizado na região Sudeste de Juiz de Fora, e teve como mote a forma como as periferias e sua juventude são comumente representadas nas mídias. Ocorrida na escola do bairro, a metodologia iniciou-se com o jogo dos privilégios, no qual os participantes se movimentavam de acordo com suas histórias de vida. Cada passo dado – ou não dado – refletia as muitas desigualdades vivenciadas. Após a dinâmica foram projetadas manchetes de notícias que retratavam as periferias e a juventude. Os dois recursos adotados

contribuíram para que os jovens envolvidos pensassem sobre como as representações da periferia e de sua juventude nas mídias acabam reforçando estigmas e preconceitos que contribuem para a reprodução das experiências de desigualdade vivenciadas por muitos deles. Nessa conversa, contamos com a presença de jovens, professores da escola, lideranças comunitárias e de representantes do legislativo municipal. Observamos que algumas temáticas ou lugares onde o projeto é realizado tendem a atrair pessoas com forte inserção na comunidade ou que militam em torno das questões trabalhadas.

A democratização da educação superior através da Política de Cota foi o tema discutido na conversa de rua seguinte, ocorrida com estudantes do Curso Preparatório para Concursos – CPC. Localizado na região central, o CPC é uma ação da prefeitura que oferece cursos preparatórios para pessoas de pouca renda, atraindo gente de diferentes pontos da cidade. Nesse encontro, o objetivo foi promover um debate sobre democratização do acesso à universidade, com a finalidade de potencializar seu alcance e de instrumentalizar os sujeitos para o seu ingresso via Política de Cotas. A discussão se deu em torno do debate do racismo e de como ele estrutura e explica o acesso desigual ao ensino superior em nosso país. A exibição de um vídeo curto e de alguns dados projetados em gráficos e tabelas foram os motores para a troca de experiências entre os presentes, que relataram suas dificuldades quanto à continuidade de sua trajetória formativa, suas vivências ligadas ao racismo e seus sonhos e projetos que envolviam o ingresso no ensino superior.

A sexta conversa de rua tratou da questão das águas na cidade e ocorreu com estudantes do Bairro Industrial, na região Norte de Juiz de Fora. Situado às margens de um córrego, o bairro é fortemente marcado por um histórico de risco ambiental relacionado à inundação. A chegada da temporada de chuvas foi o que motivou a pensar na relação cidade e inundações. Os estudantes, em sua maioria crianças, foram provocados a desenharem o bairro, sua casa, a escola e o que ocorre no período de chuvas. Os desenhos foram reunidos e apresentados por alguns deles ao grupo, que pôde perceber que os problemas enfrentados individualmente estão correlacionados a processos comuns e partilhados por muitos. Em um segundo momento, através de um esquema prático, as crianças puderam compreender como fatores ligados à produção da cidade, tais como impermeabilização do solo, construção em encostas, assoreamentos, desmatamentos etc., têm forte relação com as inundações que impactam suas vidas no bairro.

Com o tema “Semelhanças, diferenças e desigualdades: conversando sobre racismo”, aconteceu a sétima conversa de rua do projeto, desta vez com jovens estudantes do bairro Teixeiras, Zona Sul da cidade. Importante destacar que essa atividade foi demandada pela própria comunidade, por meio de parceria da equipe do NuGea com a Prefeitura de Juiz de Fora, para mediar um conflito sobre questões raciais envolvendo jovens de uma escola municipal. Para sua realização, optou-se como recurso a realização de uma dinâmica em que os jovens deveriam, em pequenos grupos, registrar em folha de papel pardo o que haveria de semelhante entre eles, como lugares frequentados, gostos, características físicas, pensamentos, etc. A provocação permitiu que, através da exposição dos cartazes, eles percebessem as muitas experiências e vivências comuns que dividem. Em seguida, novamente reunidos em grupo, eles deveriam registrar aspectos de diferença entre eles. Neste momento, os participantes foram estimulados a pensarem sobre aquilo que os tornam diferentes em relação uns com os outros. Dentre as experiências partilhadas, destacaram-se aquelas relacionadas ao racismo. Diante disso, a equipe do projeto convidou os jovens a falarem e pensarem sobre o racismo para, em seguida, construir uma discussão de como as diferenças tornam-se desigualdades e de que formas elas incidem sobre a vida deles. Nessa dinâmica, a proposta foi pensar o quanto as experiências individuais são coletivas e como o racismo transforma diferenças em desigualdades compartilhadas por muitos deles.

A conversa de rua seguinte teve novamente como tema as inundações, pois o período das chuvas mais uma vez provocou graves inundações em muitos bairros na cidade. O tema era recorrentemente retratado nos jornais locais e mobilizou especialmente os moradores do bairro Santa Luzia, que questionavam os motivos de tantas inundações recorrentes e o agravamento da situação nos dois últimos anos. Instigados por essa mobilização, o Ágora reuniu moradores do bairro para falarem sobre os problemas enfrentados e como eles afetavam suas vidas. Para tanto, os participantes elaboraram um mapeamento das áreas de alagamentos, enxurradas e inundações de acordo com suas vivências. O mapeamento foi então cotejado com informações obtidas através de coleta em redes sociais, de forma a complementar o mapa produzido e instigar que os participantes apresentassem propostas, demandas e estratégias para o enfrentamento da situação. Por fim, produziu-se uma discussão sobre a relação dos processos de urbanização e seus impactos ambientais.

O último momento do Ágora ocorreu na Casa da Mulher, equipamento da Prefeitura de Juiz de Fora que atende mulheres vítimas de violência, localizado no bairro Vitorino Braga, Zona Leste da cidade. A proposta foi de promover uma conversa sobre gênero e espaço urbano, tendo como objetivo construir coletivamente um entendimento sobre como os espaços públicos se tornam mais ou menos seguros para as pessoas do gênero feminino. Para isso, a metodologia utilizou de imagens que registravam diferentes pontos da cidade em distintos momentos do dia. A partir delas, as participantes foram chamadas a falarem se elas se sentiam seguras ou inseguras nesses locais, bem como elencarem os elementos que lhes causam sensação de segurança ou de insegurança. A dinâmica provocou a reflexão sobre os usos que mulheres fazem ou não da cidade para que então se pensasse ações possíveis para mitigar a sensação, por parte das mulheres, de insegurança nos espaços públicos.

Cada conversa de rua refletia situações vivenciadas em seus bairros, sendo desenvolvida a partir de metodologias que incorporavam os sujeitos como produtores ativos do conhecimento. Deste modo, podemos dizer que dois princípios dão unidade e coerência às conversas de rua: a adoção de metodologias dialógicas e a escolha de temáticas com forte vinculação à realidade vivida pelos moradores de cada local onde ocorreram as conversas de rua.

Obstáculos, limites e fragilidades da experiência: problematizações e novas perspectivas

A experiência do projeto Ágora evidenciou, além de suas contribuições, um conjunto de obstáculos, limites e fragilidades que merecem reflexão crítica. Tais aspectos não apenas revelam desafios intrínsecos à prática extensionista dialógica, mas também apontam para necessidades de aprendizagem e aprimoramento metodológico, teórico e político.

Um primeiro obstáculo enfrentado foi a dificuldade de mobilização e engajamento contínuo da comunidade. Muitas vezes, a burocracia universitária, a falta de recursos para manter equipes no campo e a descontinuidade de equipes (alunos que se formam) comprometeram uma maior articulação com a comunidade. Além disso, em algumas conversas de rua, a participação espontânea foi limitada, especialmente em bairros onde a rotina exaustiva de trabalho e a desconfiança em relação à universidade se mostraram barreiras significativas. Essa fragilidade expõe a necessidade de estratégias mais eficazes para construir vínculos de confiança, como a aproximação prévia com lideranças locais ou a realização de ações em parceria com organizações já inseridas nos territórios.

Outro limite destacado foi a temporalidade pontual das intervenções. As conversas de rua, por serem eventos isolados, nem sempre permitiram um aprofundamento das discussões ou a construção

de ações transformadoras de longo prazo. Essa fragilidade revela a tensão entre a natureza episódica dos projetos de extensão e a necessidade de processos contínuos para efetivar mudanças concretas. Aqui, surge a provocação: como articular a extensão universitária com políticas públicas ou movimentos sociais locais para garantir sustentabilidade às ações? A resposta pode passar pela institucionalização de parcerias estáveis e pela criação de espaços permanentes de diálogo entre universidade e sociedade.

A complexidade das dinâmicas urbanas e das desigualdades socioespaciais também se apresentou como um desafio metodológico. Em alguns casos, as conversas de rua esbarraram na dificuldade de traduzir debates teóricos em linguagens acessíveis e mobilizadoras, especialmente em contextos de alta vulnerabilidade. Isso demanda uma reflexão sobre a produção de metodologias que possam dar conta de construir pontes entre o conhecimento acadêmico científico e os saberes populares, sem simplificar as problemáticas urbanas.

Por fim, embora o projeto tenha gerado trocas significativas, faltaram mecanismos sistemáticos para mensurar seu alcance na vida dos participantes. Como ampliar a escuta pós-ação? Como documentar e valorizar os saberes produzidos nessas interações para além dos relatos acadêmicos? Essas questões apontam para a necessidade de metodologias participativas de avaliação, que incluam a comunidade não apenas como beneficiária, mas como avaliadora do processo.

Em síntese, os limites do Ágora são indicativos de caminhos para pensar e aprimorar a extensão universitária. Assim, problematizar essas fragilidades fortalece seu potencial como laboratório de práticas extensionistas que almejam, de fato, democratizar o conhecimento e transformar a cidade em um espaço de política viva. A aprendizagem contínua sobre esses desafios é, portanto, parte indispensável da *práxis* freiriana que inspira o Ágora.

Considerações finais

O Ágora se destacou como uma experiência extensionista que reafirma a relevância da extensão universitária na articulação entre ensino, pesquisa e prática. Inspirado na *práxis* freiriana, e aproximando-se da Extensão Popular, o projeto coloca a cidade no centro das reflexões, concebendo-a como espaço público e político por excelência. As “conversas de rua” traduziram uma abordagem dialógica que rompe com a hierarquia tradicional do saber acadêmico, valorizando o conhecimento popular e promovendo a troca de experiências. Esse movimento não apenas enriqueceu a formação crítica dos discentes, mas também sensibilizou os moradores envolvidos sobre as dinâmicas socioespaciais e as desigualdades que permeiam seus cotidianos, criando condições para uma reflexão mais aprofundada sobre suas realidades.

Entre as contribuições mais significativas do projeto, destaca-se o desenvolvimento de metodologias participativas e criativas, capazes de envolver ativamente os interlocutores na produção de conhecimento. Essas metodologias, ao priorizarem a horizontalidade das relações, não apenas fortaleceram a interação entre universidade e sociedade, mas também fomentaram a construção coletiva de saberes e estimularam o protagonismo de todos os sujeitos envolvidos. Ao abordar questões diretamente relacionadas ao cotidiano dos moradores, como desigualdades urbanas, racismo e acesso à cidade, o Ágora transformou espaços públicos em arenas de diálogo, aprendizado mútuo e ação transformadora. Essa prática extensionista não apenas ampliou a visão crítica sobre os desafios urbanos, mas também abriu caminhos para a construção de novas redes de solidariedade e articulação

entre universidade e sociedade. Além disso, a inserção em diversos bairros da cidade possibilitou o contato com realidades distintas, evidenciando a complexidade das práticas socioespaciais urbanas.

Entretanto, a experiência também revelou desafios significativos, como os mencionados. Na perspectiva de aprimorar a extensão enquanto *práxis* transformadora, é possível avançar explorando novas frentes, tais como: o maior investimento na formação de docentes e discentes, capacitando-os a lidar com conflitos, mediações e desigualdades de poder inerentes aos territórios; o aprofundamento de inovações metodológicas, com técnicas criativas e participativas que possam engajar diferentes públicos; a ampliação do alcance territorial, incluindo grupos sociais mais diversificados, aprofundando a compreensão das dinâmicas urbanas e ampliando o impacto da ação extensionista; o fortalecimento de parcerias com movimentos sociais e organizações comunitárias, promovendo uma articulação mais ampla e integrada que assegure a continuidade das ações. Por fim, a sistematização das metodologias e resultados em materiais formativos, como guias práticos, cartilhas e outros recursos didáticos, potencializaria a replicabilidade do projeto em outros contextos, promovendo a maior disseminação de suas ideias e práticas.

Ao incorporar essas direções, o Ágora pode consolidar-se não apenas como uma ação de extensão bem-sucedida, mas como um modelo de extensão que reafirma a cidade como lugar de coexistência, diversidade e política. Nesse sentido, reforça-se a vocação transformadora da universidade, capaz de atuar como mediadora de diálogos e catalisadora de mudanças concretas nas realidades sociais, reafirmando a extensão como uma dimensão indispensável da *práxis* acadêmica e cidadã.

Referências

- ALBAGLI, S. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, 1996.
- CRUZ, Pedro José Santos Carneiro; ARAÚJO, Renan Soares; MÉLO, Celâny Teixeira; RODRIGUES, Ane Flávia Souza. Extensão popular: bases teórico-metodológicas. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 29, n. 2, p. 69–85, maio/ago. 2021.
- FALCÃO, Emmanuel F. **Extensão popular**: caminhos para a emancipação. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.
- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Política Nacional de Extensão**. Manaus – AM, 2012.
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, P. C. C. e RIBEIRO, L. R. Espaços públicos como lugares de política. **Geografares**. Vitória, n. 26, julho-setembro 2018.
- GUIMARÃES, F. S. A importância da aprendizagem significativa em sala de aula. **Cadernos de Pesquisa**, v. 14, n. 2, p. 28-33, 2017.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KUSTER, E. e PECHMAN, R. **O chamado da cidade**: ensaios sobre a urbanidade. Belo Horizonte: EditoraUFMG, 2014.
- MARTINS, L. M. **Ensino-pesquisa-extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade**. São Paulo: Unesp, 2012.
- MELO, José Francisco de. **Extensão popular**. 2. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.
- NETTO, V. M. “O que é, afinal, urbanidade?”: notas sobre um diálogo tortuoso. In: HOLANDA, F. de et al. **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Folio Digital, 2012, p. 13-31.